



A CONSTITUIÇÃO TÁTIL DO CORPO (*LEIB*) EM *IDEIAS II*, ATRAVÉS DAS SENSAÇÕES LOCALIZADAS (*EMPFINDNISS*)

Leandro Righi de Sousa*

Resumo: Neste trabalho apresentaremos o modo como o corpo (*Leib*) constitui-se segundo Husserl através do tato, sendo esta constituição demonstrada a partir das sensações-localizadas (*Empfindniss*) na obra *Ideias II*. Faremos em um primeiro momento uma diferenciação entre coisa-material (*Ding*) e corpo (*Leib*), visando com isso, angariar uma maior clareza do significado próprio de corpo (*Leib*) na fenomenologia de *Ideias II*. Em um segundo momento analisaremos a possibilidade de constituição do corpo (*Leib*) a partir das percepções visuais e táteis. Concluiremos afirmando que segundo Husserl, o corpo (*Leib*) se constitui primordialmente através do tato, sendo sua constituição tátil trazida à vista de maneira clara, através das análises referentes as sensações-localizadas (*Empfindniss*).

Palavras-chave: Corpo (*Leib*). Coisa-material (*Ding*). Sensações localizadas (*Empfindniss*).

Introdução

As discussões sobre a temática da constituição têm uma importância ímpar no pensar filosófico de E. Husserl. De modo a ser nas investigações sobre a constituição executados na obra *Ideias II*¹, que nós temos uma primeira apresentação de Husserl como filósofo preocupado com questões relativas ao mais ínfimo da vida humana. Algo que fará eco em sua última obra, a *Crise das ciências europeias*, e que poderia soar com estranheza a um leitor de *Ideias I*, acostumado com questões relativas ao método fenomenológico descoberto no primeiro decênio do século XX, bem como ao seu declarado e muitas vezes criticado idealismo.

* Acadêmico do programa de pós-graduação da Universidade Federal de Santa Maria-UFSM. E-mail: righileandro@outlook.com.

¹ Usaremos a abreviação “*Ideias I*” e “*Ideias II*”, para nos referirmos respectivamente as obras “**Ideias relativas a uma fenomenologia pura y uma filosofia fenomenológica. Libro segundo:** investigaciones fenomenológicas sobre a constituição. Tradução de Antonio Zirón” e “**Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**”. Tradução: Marcio Suzuki. Faremos no corpo do texto citações indicando tomo e página das obras referidas (*Ideias I* e *II*), à partir das obras completas de Husserl na chamada Husserliana. Os livros *Ideias I* e *II* se referem aos tomos III e IV da Husserliana respectivamente. Ao citarmos, por exemplo, *Ideias I* no corpo do texto, usaremos a sigla HUA em referência a Husserliana, o número do tomo, no caso de *Ideias I* a referência é o tomo III, seguido do número da página em que a referente passagem se encontra. Nossa referência seguirá esse modelo (HUA III, p. X).

Em *Ideias II* temos um estudo que se articula sobre a premissa que a realidade (*Realität*) é uma unidade, e que esta unidade é composta por estratos ou camadas elementares superpostas. Tendo-se como objetivo da obra, apresentar como essas camadas superpostas se articulam em uma ideia de realidade (*Realität*), através da consciência pura. A unidade eidética da realidade (*Realität*) decomposta em suas camadas elementares, está dividida em realidade material ou coisa (*Ding*), anímica (*Seele*) e espiritual (*Geistig*).

Para entendermos como se articula este estudo da realidade (*Realität*) em seus diversos âmbitos através da consciência pura, devemos atentar para o significado “implícito” que têm o conceito de constituição em Husserl. Segundo as análises de P. Ricouer sobre *Idéias II*, publicada no livro *Na escola da fenomenologia*, as investigações fenomenológicas sobre a constituição são na verdade exercícios de análise intencional.

As análises intencionais realizadas em *Ideias II*, sob o título de investigações fenomenológicas sobre a constituição, são executadas a partir de um sentido, no caso da obra, a “realidade em seu conjunto (*die gesamte Realität*)” (RICOUER, 2009, p.90), que desempenha o papel de objeto, que na fenomenologia das *Ideias I e II* é tida como o “guia transcendental” da investigação.

Para ser possível a realização dessa análise intencional do “objeto”, que como “guia transcendental” é o motivador da descrição, e assim aquilo que faz a consciência explicitar as inúmeras intencionalidades dadas por ela e que perpassam o objeto, devemos ter claro uma premissa fundamental da metodologia fenomenológica, a chamada *epoché*.

A *epoché* é umas das chaves para entender de que modo Husserl iniciará sua análise intencional em *Ideias II*. Pois ela permite, graças a sua estrutural formal e metodológica, colocar entre parênteses nossos juízos sobre a realidade (*Realität*) elaborados a partir daquilo que Husserl chamou de orientação natural. No parágrafo §32 de *Ideias I*, Husserl resume o significado de orientação natural, na descrição do como a *epoché* se efetiva, nos diz ele:

Colocamos fora de ação a tese geral inerente à essência da orientação natural, colocamos entre parênteses tudo o que é por ela abrangido no aspecto ôntico: isto é, todo este mundo natural que está constantemente “para nós aí”, “a nosso dispor”, e que continuará sempre aí como “efetividade” para a consciência, mesmo quando nos aprouver colocá-la entre parênteses (HUSSERL, 2006, p. 81).

Nessa passagem de *Ideias I* tem-se claro o modo como é compreendido por Husserl a orientação natural. Um modo de pensar o mundo como um conjunto de elementos dados, uma efetividade para a consciência não modificada pelo método, que os pensa como existentes por si mesmo. Porém, pela *epoché* é colocado em suspenso a efetividade desse mundo natural,

com vistas a metodicamente regressar-se a uma dimensão que permite ser efetiva toda a investigação na orientação natural, que é a consciência pura.

Na colocação da orientação natural entre parênteses pela *epoché*, “tiro, pois, de circuito todas as ciências que se referem a esse mundo natural” (Hua III, p. 56), ou seja, todas as afirmações e descobertas válidas para as ciências da orientação natural não terão uso no empreendimento fenomenológico de Husserl. Pois a *epoché* tira de circuito todo o modo *ôntico* de ser do mundo, para deixar emergir a estrutura que possibilita toda essa investigação *ôntica* da orientação natural, a consciência pura².

Com a suspensão de todos os âmbitos da orientação natural através da *epoché*, Husserl mostra que o campo de trabalho da fenomenologia em nada se valerá de afirmações e descobertas retiradas da ciência natural. Como ele mesmo diz, “eu não faço uso algum de suas validades, e reitera isso afirmando que “não me aproprio de uma única proposição sequer delas, mesmo que de inteira evidência, nenhuma é aceita por mim, nenhuma me fornece um alicerce” (Hua III, p. 57).

Uma tese radical como essa de Husserl não é um posicionamento contrário as ciências naturais, bem como as suas descobertas, mas uma questão de princípio da fenomenologia. Isto é, de ter como fonte legitimadora de todo o conhecimento o “princípio de todos os princípios”, “toda a intuição doadora originária é uma fonte de legitimação do conhecimento” (Hua III, p. 43). Tal lei eidética, é princípio de fundação e legitimação de todo conhecimento, que por seu carácter de fonte inesgotável de fundamentação, não pode ser dada em seu *ser mesmo* pela ciência natural, pois esta mesma a pressupõe.

Nas afirmações acima, colhe-se dois resultados importantes para o presente trabalho, bem como para clarear o modo como Husserl pauta sua investigação sobre o corpo (*Leib*) e as sensações localizadas em *Ideias II*³. O primeiro resultado foi demonstrar que Husserl tem um método próprio de investigação, baseado na análise intencional, que por sua vez necessita de uma *epoché* de toda orientação natural. E por consequência disso, todas as exposições husserlianas sobre o corpo (*Leib*) e as sensações táteis localizadas em *Ideias II* estão pautadas nas investigações fenomenológicas sobre a constituição, próprias da fenomenologia de Husserl.

Como segundo resultado das afirmações sobre o método de Husserl, temos que toda investigação husserliana empreendida em *Ideias II* não tem por base as descobertas e leis

² Nessa perspectiva se filia o comentário à *Ideias II* de Luiz Villoro quando afirma que “o tema central do livro [Ideias II] é a constituição da realidade na consciência pura”.

³ Objeto de estudo no terceiro parágrafo deste artigo.

advindas das ciências de orientação natural, conforme nos mostrou as colocações metodológicas advindas de *Ideias I*. Pela razão de que as ciências de orientação natural não nos fornecerem a base necessária para a investigação fenomenológica, que é a intuição doadora originária. Motivo pelo qual à própria estrutura da *epoché* tira de circuito toda base judicativa que possa ser advinda da ciência de orientação natural.

1 Diferenças entre corpo (*Leib*) e coisa-material (*Ding*) em *Ideias II*

Enunciada a metodologia da investigação husserliana, que é imprescindível para compreensão de *Ideias II*, centraremos agora a atenção em certas diferenciações pontuais entre os significados de *Leib* e *Ding*. Essas diferenciações têm como objetivo principal circunscrever algumas características do *Leib* enquanto relacionado com o estrato animado da realidade, bem como traçar uma linha divisória entre *Leib* e *Ding*, desfazendo-se assim, possíveis equívocos que poderão surgir com a introdução das sensações localizadas como constituintes do *Leib* no próximo tópico.

Segundo N. Depraz (2001) o termo alemão *Leib* designa em seu uso corrente o ventre, ou o seio, e em sentido mais amplo, tudo aquilo que toca a intimidade corporal no sentido mais vital. Mas não só isso, também está empregado em proposições que referem-se a alma ou o coração. Por exemplo, na expressão “*Kein herz im Leib*” que metaforicamente tem o significado de “não ter coração”, ou seja, não ter sentimento, não ser afetado por algo. Essas colocações segundo N. Depraz (2001), confluem para um sentido de *Leib* que seria anterior a toda bifurcação causal entre sensação e sentimento e assim, para um âmbito do “sentir” ligado ao afetivo ou sensorial (DEPRAZ, 2001, p. 385).

As colocações de N. Depraz (2001) mostram não só o contexto no qual está inserido o termo *Leib* na língua corrente, como também abre caminho para sua apresentação dentro da fenomenologia husserliana de *Ideias II*, através da ideia do *Leib* como o lugar/morada (*Bleiben*) onde a vida (*Leben*) acontece (DEPRAZ, 2001, p. 385-386).

Esse lugar (*Bleiben*) pode ser entendido em português como sinônimo de corpo, desde que sempre se tenha em vista a dimensão vital que *Leib* guarda em sua origem, bem como para a fenomenologia de Husserl. A razão que nos leva a usarmos a palavra corpo como sinônimo de *Leib*, deve-se ao fato de que a primeira guarda em nossa língua um significado de algo vivo, mesmo com todos os problemas de sua associação ao dualismo alma/corpo.

Em contraposição ao corpo nós temos as coisas-materiais (*Ding*)⁴ caracterizadas pela sua falta de vida, de animação. As coisas-materiais são *res extensas*, podem ser fragmentadas por ocuparem determinado lugar espacial. Isso vai de encontro a ideia de as coisas-materiais serem também, sólidos geométricos, figuras divididas em três dimensões ocupando determinada posição espacial.

Com essas colocações sobre a possibilidade de fragmentação da coisa-material, consegue-se aproximar de uma ideia mais exata do que Husserl pensa quando fala de coisas-materiais. Elas são objetos reais com possibilidade de decomposição em partes, a partir de circunstâncias externas proporcionadas pela sua extensão.

Em contraposição a essa fragmentação do objeto natural, o corpo⁵ advém como uma unidade que não pode ser intuitivamente dado em partes, em se tratando deste ser algo imediatamente dado a si. Se considerado como sendo meramente uma coisa-material, abstraindo-se de sua animação, ele pode ser um objeto de investigação na atitude dóxico-teórica⁶. Mas por essência como algo dado intuitivamente, o corpo deve ser uma unidade em uma espacialidade e temporalidade imediatas, sem rompimento real desta em fragmentos materiais.

Um exemplo pode ajudar a perceber essa necessária unidade do corpo. Observe o caso de um dedo que sofre determinada ação exterior que o desliga do corpo, através de um corte de machado. Pode-se dizer que ele, o dedo, era antes do corte parte-unidade do corpo. Podia ser algo móvel através da ação de um querer do eu- corporal de modo imediato. Após a cisão ocasionada pelo corte, algo bastante singular acontece, o dedo se transforma em uma coisa totalmente diferente do corpo, torna-se uma coisa-material entre outras no mundo.

Nem mesmo o mais avançado exame laboratorial poderá provar que esse dedo fazia parte do corpo. Pelo peculiar fato de que o dedo ao ser cindido do corpo torna-se diferente deste, pois não faz mais parte de sua unidade. Pode-se contrapor dizendo que, por um exame de DNA se prova que determinado material genético do dedo cortado é *igual ao do corpo* da pessoa que o perdeu.

Coisas-materiais podem ser iguais nesse sentido, o corpo não, pois ele não pode ser transformado em um objeto de estudo empírico sem que seu lado material se manifeste em seu lugar. O dedo decepado não pode ser corpo pois este não o senti transcendentalmente como parte de si.

⁴ Usaremos a partir do presente momento, coisa-material como sinônimo da palavra alemã *Ding*. Com isso, toda vez que usarmos a palavra composta coisa-material, estaremos a utilizando como sinônimo de *Ding*.

⁵ Mesmo que, dentro de uma visão naturalística seja algo passível de ser tomado como coisa-material.

⁶ Atitude equivalente a atitude naturalística para Husserl em *Ideias II*.

No próximo tópico do presente trabalho expor-se-á de forma mais pontual a unidade do objeto intencional corpo, tendo em vista a apresentação de sua constituição através das sensações táteis localizadas. Em um primeiro momento exploraremos a possibilidade de descrição desse fato através da percepção visual, e em um segundo nos utilizaremos da percepção tátil para a descrição do fato, bem como para percebermos a constituição do corpo em sua unidade.

2 Descrições visual e tátil na constituição do corpo

Tendo-se o exemplo apresentado anteriormente como fio-condutor do presente tópico, fasear-se-á a partir dele fenomenologicamente duas descrições, uma através do sentido visual e outra do sentido tátil. Estas colocações serão feitas tendo-se por base as colocações de Husserl nos parágrafos §36 a §38 de *Ideias II*, a partir de uma descrição solipsista. Em razão desta descrição ser feita por Husserl através de um modo solipsista, aqui entendida como uma descrição em primeira pessoa, iremos nos apropriar desta descrição em primeira pessoa quando necessário. Lembrando que uma descrição feita em primeira pessoa, como o caso de Husserl e o de nossa exposição, não fere em nada o “caráter científico” esperado para as duas descrições, pois aqui não se exprime meramente opiniões sobre o assunto tratado, mas só o resultado de certo modo de tratar o objeto de estudo, exposto em primeira pessoa.

Na percepção visual do *objeto*⁷, simplesmente percebemos algo que era parte de um conjunto, o corpo como coisa-material, que se desprende deste por determinada ação. Pode-se objetar que essa determinada descrição não é possível, tendo em vista que, ao cortar o dedo uma sensação cenestésica⁸ de dor preenche todo o horizonte de visibilidade neutra da consciência. Com a dor gerada pelo corte, seria impossível que esse ver se realizasse sem a referência da pertença do dedo ao corpo.

Uma objeção como essa, em um primeiro momento pode ser desfeita, tendo-se em vista que o *objeto* a ser descrito trata-se de uma vivência isolada pelo processo metódico da redução, como um objeto a ser descrito em uma análise intencional. Ou seja, não se trata já do

⁷ Usamos o termo “objeto” para designar o “fato do corte do dedo por algo cortante”, baseados no sentido geral que este remete para fenomenologia de Husserl. Para não gerarmos problemas entre esse sentido e o seu uso geral para designar todo o transcendente, usaremos *objeto* em itálico para designarmos o “fato do corte do dedo por algo cortante e objeto em escritura normal para designar seu sentido geral.

⁸ Segundo San Martín, Husserl ao falar de “cenestesias” em *Ideias II* as classifica como “sensações de grupos inteiramente distintos, como os sentimentos “sensíveis”, as sensações de prazer e de dor, ou o bem-estar que invade e enche o corpo inteiro, o mal-estar geral do ‘corpo (*korper*) indisposto [desanimado, enferiado]’ e similares”. (Hua IV, p. 152). As sensações cenestésicas desempenham um papel primordial no âmbito das valorações.

fato experimentado visualmente no *aqui e agora*, mas da vivência de uma experiência trazida a análise pela faculdade da imaginação, e descrita com os “dados” recolhido pela visão.

Tendo considerado em um primeiro momento a não validade da objeção, nos voltemos a esse determinado *objeto* como se estivéssemos nessa situação agora mesmo, como no caso da objeção, com um dedo decepado. Será que somente com o sentido da visão, nós nos atentaríamos que esse dedo faz parte de nosso corpo? Visivelmente veríamos um corte, mas será que isso basta para imediatamente eu por atenção ao fato de que o corte está referido a meu corpo? A dor do corte levada em conta, corresponderia a que, a perda do dedo como parte de uma coisa-material, ou a perda de algo como parte de nosso corpo?

Na investigação solipsística tal qual empreendida por Husserl nesse capítulo terceiro da segunda seção de *Ideias II*, a visão não deterá um privilégio com relação a constituição do corpo, entendido “naturalisticamente” como uma coisa-material em que advém estratos de animação. Pela razão de que a visão não dá a identidade imediata que exige o corpo, ou seja, aquilo que chamamos atenção como uma unidade imediata do corpo.

Essa constatação aplicada a o exemplo do dedo decepado, tem o significado de que somente “indiretamente” eu vejo que o dedo cortado é meu, através de esboços desse fato. Isso torna-se claro em uma nota de Husserl referida a percepção do olho no espelho, que nunca é a percepção do olho que vê, mas de algo que indiretamente eu julgo como sendo meu olho. Nos diz Husserl:

Não se dirá, naturalmente, que vejo meu olho no espelho; pois meu olho, o que vê enquanto que vê, não o percebo; vejo algo do qual julgo indiretamente, por “empatia”, que é idêntico para a coisa (*Ding*) meu olho (que se constitui, por exemplo, mediante o tato), tal qual vejo o olho do outro (HUSSERL, 2005, p. 149)

Nesse sentido o olho que julgo poder ver, não tem uma visão de si mesmo, apenas indiretamente. A visão remete primordialmente para algo distante do lugar original onde ela está situada, no caso husserliano para o espelho. Como que se separando do corpo onde ela está, para que posteriormente volte-se a ele pelo reflexo da imagem de um corpo no espelho, do qual por empatia julga-se ser o lugar de onde parte essa visão.

A percepção visual em seu sentido primordial somente oferece esboços, perfis do corpo enquanto coisa-material, como no caso husserliano do espelho, apenas tenho um perfil de minha parte frontal. Diante disso, a não primazia da visão na constituição do corpo se torna ainda mais clara, se nos atentarmos ao simples fato de “se não se abre o olho, não há aparição de visão, e assim por diante” (Hua IV, p.148), posso fechar meus olhos e não ter mais

nenhuma coisa diante de mim. No caso do exemplo, fecho meus olhos e deixo de ver meu dedo separado de meu corpo. Levando essa descrição a termo, se fecho meus olhos o dedo cortado retirado da unidade com seu corpo material deixa de existir.

Outro aspecto que deve ser chamado atenção ao falarmos da visão, e que está correlacionado a eu não poder ver diretamente a totalidade daquilo que é meu corpo, é de que pela empatia eu tenho apenas diante de mim um corpo refletido como um “índice” de meu corpo. A insistência nesse ponto no qual viemos apresentando, do corpo como uma unidade para consigo mesmo, se deve ao fato de que ele é realmente uma unidade espacial, que é imediatamente dado temporalmente, e que isso provou-se ser impossível de se adquirir pelo sentido da visão.

Com as considerações referentes a percepção através da visão, como objeto para a descrição desse supramencionado acontecimento do “corte do dedo”, percebermos que ela não é o “meio de dar sentido”, por excelência ao corpo na consideração husserliana do método solipsística da investigação, no capítulo terceiro da segunda parte de *Ideias II*. Em outras palavras, a visão não nos dá primordialmente a unidade e “imediatez” que a descrição da constituição fenomenológica de um corpo necessita. Vale lembrarmos que “primordialmente não quer dizer aqui, nada de temporal-causal; se trata de um grupo primário de objetos que se constituem de modo diretamente intuitivo” (Hua IV, p.148).

Para descrevermos através do tato o fato vivenciado, devemos nos atentar não ao estrato valorativo que a dor gerada no corte detém. Isso não desconsidera que a dor possua uma importância ímpar na descrição desse vivido, enquanto matéria de uma valoração. Mas que, se nos atentarmos somente a esse estrato enquanto matéria para atos valorativos, não conseguiremos nos situar no que permite percebermos que a dor gerada no corte, seja algo que sempre se refira a um sujeito que sofre essa ação vivenciando-a, enquanto sujeito corporal que experiência esse fato.

O ponto ao qual queremos primeiramente chamar atenção, com a retirada de circuito do estrato valorativo da dor, na descrição tátil, é para o fato do “con-tato” da lâmina do machado com nosso corpo. Husserl nos diz claramente em suas análises que, um acontecimento como o toque de uma coisa-material com um corpo só é possível como “con-tato”. Nesse sentido o “con-tato” é algo que por si destaca a existência da animação em nosso corpo, pois se fosse apenas um “toque significa[ria] aqui um sucesso físico: duas cosas sem vida também se tocam; mas o toque do corpo [*Leib*] condiciona sensações nele ou dentro dele.” (Hua IV, p.146).

No “con-tato” da lâmina com o dedo vai desdobrando-se o cindir deste, como se fosse um mero toque de duas coisas fisicamente relacionando-se, porém, a dor gerada desperta o que podemos chamar de consciência corporal, que aqui desempenha o papel de informar que a relação do “con-tato” ocorre conosco enquanto seres corporais. Esse despertar da consciência não é somente como um “processo mental” que se atenta para algo que eu a pouco não percebia, mas é um despertar no sentir com referência ao eu que o vive.

No sentir despertado a atenção, percebe-se uma complexa estrutura de sensações ocorrendo naquele determinado lugar. A primeira sensação que aqui devemos pontuar é a sensação da dor. Ela me informa que um ‘corte’ está ocorrendo pela ação de um objeto exterior a mim, e mais, que podemos perceber que esse objeto possui certas propriedades como extensão, lisura, lâmina, etc.

A essas sensações que informa as características do machado, nós podemos chamar em sentido bastante peculiar de sensações epistêmicas⁹. Pois fornecem um conteúdo do qual posso fazer posteriormente uso teórico, se desejamos falar do objeto “machado”. Fenomenologicamente elas são “as sensações primárias para as vivências intencionais da esfera da experiência ou para a constituição de objetos “cósicos” [*Dinglich*] - espaciais.” (Hua IV, p.153).

Com essa sensação que dá “aparições táteis” (Hua IV, p. 145) das características do objeto, podemos perceber outro aspecto da sensação de dor enquanto anulado seu estrato valorativo, que é a referência do sentir a *mim* sujeito que vivencia esse fato. Pois sentir é sempre sentir em mim e a partir de mim algo que advém, no fluxo, do sistema de campos de sensação que sempre estão preenchidos sensivelmente, atualizando-se. (Hua IV, p. 155).

O objetivo aqui em questão, é que a sensação de dor nesse caso em específico necessita da estrutura do sentir tátil, ou está envolvida neste. A pontualidade dessa separação, se existir, não vem ao caso nesta discussão em específico. Pois o que deve ficar claro é, a sensação de dor para ter uma referência a quem sente, deve ser uma “dor tátil”. Enquanto uma dor advinda de uma relação com o mundo material que só é dada imediatamente com e pela relação com o tátil¹⁰.

Na descrição da percepção tátil do *objeto*, temos “aparições táteis”, ou seja, sensações que apresentam a existência de um objeto com relação ao meu corpo e que me informam sobre as características dessa coisa-material. Além dela temos as chamadas sensações localizadas

⁹ Com essas sensações o corpo continua sendo apenas um órgão da percepção, e não a realidade onde é possível toda percepção.

¹⁰ Com essa pontuação, cremos ser possível falarmos somente do tato enquanto algo presente no *objeto* (dedo decepado), sem levarmos diretamente em conta a dor causada nesse acontecimento.

(*Empfindniss*), que são as sensações que permitem a referência imediata dessa relação do objeto “machado cortando algo” com o meu corpo como lugar localmente tocado.

E isso é válido, pois “todas as sensações ocasionadas tem sua localização, isto é, se diferenciam pelos lugares da corporeidade aparente e pertencem fenomenalmente a ela” (Hua IV, 145). Assim as sensações localizadas (*Empfindniss*) me informam a existência de algo com referência ao meu corpo, seja uma sensação de dor, ou outra qualquer.

E essa referência não é a de uma relação de um sujeito que experimenta seu objeto, mas é a relação do sentir do corpo no corpo, sem uma distância entre ato e conteúdo. É o que permite dizer que o corpo é algo vivo, porque é algo que se sente em todo contato com o mundo e com o seu próprio corpo.

As sensações localizadas (*Empfindniss*) desempenham um papel primordial na constituição do corpo, pois são elas que denunciam sempre a existência dele com relação ao mundo ou si. São sensações que me dão uma espécie de autoconsciência no corpo através de sua ligação no tato. Ou seja, no fluxo temporal dos campos de sensações, elas vêm sempre a apontar a referência do sentir, como meu sentir. Nos dão assim, a identidade de quem sente enquanto um eu-corporal.

Como na passagem acima retirada de *Ideias II*, na qual se diz que todas as sensações ocasionadas, isto é, todas as sensações efetivas, que preenchem o campo das sensações, sempre advêm em um fluxo decorrente no tempo com sua referência ao corpo graças as sensações localizadas (*Empfindniss*). Desse modo elas possuem uma referência imediata a meu corpo, graça as sensações localizadas (*Empfindniss*) que recobrem meu corpo, de modo totalmente diferente das coisas-materiais e sua extensão no espaço como diz Husserl:

Para aproximarmo-nos dela, temos que ter completamente claro que a localização das sensações localizadas é de fato algo por princípio distinto da extensão de todas as determinações materiais de coisa. Certamente, aquelas se difundem no espaço, cobrem à sua maneira superfícies de espaço, as percorrem etc. Mas está difusão e propagação é precisamente algo essencialmente distinto da extensão no sentido de todas as determinações que caracterizam a *res extensa*. (HUSSERL, 2005, p. 190)

É nas sensações táteis localizadas (*Empfindniss*) que primordialmente podemos ter uma base de sentido para constituição do corpo, como sendo meu, ou seja, daquele sujeito que experimenta tátilmente o mundo. Pois táteis localizadas (*Empfindniss*) têm a capacidade de o envolver de modo totalmente diferente da coisa-material *extensa*. Pois não o aprisionam em uma estrutura de objeto, mas dão a identidade de meu corpo em uma dinâmica, entre sentir e sentido.

Considerações finais

Ao longo do artigo procurou-se mostrar de que modo o objeto de análise intencional “corpo” adquire primordialmente esse sentido. Para isso, mobilizou-se em um primeiro momento, diferenças pontuais que fizeram ver que o corpo para ser algo diferente de uma coisa-material, mesmo que animado, deve ser dado em uma unidade para consigo.

Para isso analisou-se um exemplo que coloca em evidência essa unidade do objeto de análise “corpo”. Esse exemplo serviu de base para as análises da constituição do corpo a partir de duas possíveis percepções deste: uma visual e outra pelo tato.

Constatou-se que a unidade exigida para constituição de sentido do corpo, não é possível de ser captada pelo âmbito visual. Pois esse ao constituir seu objeto, só o faz por esboços, que podem ser simplesmente “desativados” pelo simples interromper do fluxo visual, em um simples ato de fechar os olhos. Em outros termos, suas intenções na formação da unidade objeto visual, recorrem a estruturas que extrapolam os limites do intuitivamente dado.

Examinou-se na sequência o sentido tátil tendo como base também, o exemplo do dedo decepado. Na experiência tátil desse objeto, no caso do fato “dedo decepado”, constatou-se uma peculiar característica desse âmbito. Esta consiste em que, ao contato tátil com algo, como no exemplo, meu corpo tem “duas sensações” táteis acopladas a consideração do fato. Uma que informa as características do objeto, junto com a dor, e outra que dá identidade daquele que vivencia o fato. Como sendo o próprio sujeito a que o fato do dedo cortado se refere.

É a partir dessa sensação tátil, que Husserl chama de sensações táteis localizadas (*Empfindniss*), que o corpo se concebe como sendo o sujeito, o lugar, onde o determinado fato do corte aconteceu. É partir dela que o corpo pode tomar consciência de si, ou autoconsciência de si, como dimensão primeira que experimenta o mundo. Ou seja, o corpo conhece a si mesmo e o mundo na “imediatez”, e como unidade inseparável de si pelas sensações localizadas (*Empfindniss*) dadas pelo tato.

É nessa relação, que podemos chamar de “sentir-sentido-se” gerada pelo advento das sensações localizadas (*Empfindniss*), que se apaga a dualidade sujeito-objeto. Pelo fato de que o corpo é aquele que sente e aquilo que é sentido ao mesmo. É a partir dessas sensações do tato que Husserl pode dizer que “o corpo só pode constituir-se originalmente como tal, na atualidade e tudo o que se localiza com as sensações táteis” (Hua IV, p.150).

Referências

DEPRAZ, Natalie. **La traduction de *Leib*, une Crux Phaenomenologica**. In: HUSSERL, Edmund. **Sur L'intersubjectivité I**. Ed. Natalie Depraz. p. 386-387. Paris: Épipiméthée, 2001.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma Fenomenologia pura e uma Filosofia fenomenológica** – Livro Primeiro: Introdução geral a Fenomenologia. Tradução de Marcio Suzuki, São Paulo: Idéias e Letras, 2006.

HUSSERL, Edmund. **Ideas relativas a uma fenomenologia pura y una filosofia fenomenológica. Libro segundo: investigaciones fenomenológicas sobre a constituição**. 2.ed. México: Fundo de Cultura Económica, 2005. Tradução de Antônio Zirón.

HUSSERL, Edmund. **Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänometiologischen Philosophie. Zweites Buch: Phänomenologische Untersuchungen zur Konstitution**. Martinus Nijhoff, Haag, 1952.

RICOEUR, Paul. **Na escola da fenomenologia**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

VILLORO, Luiz. La constitución de la realidade em la conciencia pura. **Dianóia**, México, vol.5, n°5, 1959.

ZAHAVI, Dan. Husserl's phenomenology of the body. **ÉtudesPhénoménologiques**, Louvain, n. 19, p.63-84, nov. 1994.